

ISEDI - P. I. B.
DATA 15/08/94
CDD WND 07920

OS WAI-WAI (WAIWAI)



Os Waiwai, junto com outros grupos do Triângulo Linguístico Kaib, habitam a região das Guianas há pelo menos quatrocentos anos. As primeiras referências a seu respeito foram feitas pelo explorador inglês Robert Harcourt em 1613, e descrevia os Waiwai como um povo amável e gentil com os quais se podia contar em segurança, sem medo de traição ou perigo.

Em dezembro de 1837, outro explorador, R.H. Schomburgk, encontrou 150 Waiwai vivendo entre aldeias, nas calçadas do rio Mupunera, no Pará, e no rio Essequibo, na Guiana. Mas, graças ao seu isolamento nas cabeceiras destes rios, os Waiwai tiveram o mínimo de contato com os civilizados até o início do século XX. Nas primeiras décadas, uma série de guerras intertribais entre os Waiwai e os grupos Parikoto' (Parukoto'), Tarumã e Carapanyana resultou no enfraquecimento dos três primeiros e na extinção quase certa dos Carapanyana. Os Parikoto' e Tarumã tinham língua e costumes similares aos dos Waiwai, e alguns dos seus integrantes decidiram juntar-se a estes, para compor uma nova tribo, mantendo a denominação Waiwai.

Em 1945, Robert E. Hawkins e seus dois irmãos, missionários americanos da Linerangelized Fields Mission, contactaram os Waiwai do rio Essequibo, e em três anos conseguiram decifrar sua língua e elaborar um alfabeto Waiwai para poder traduzir a Bíblia e pregar os ensinamentos de Jesus para os indígenas.

Em 1949, os Waiwai do rio Mupunera perceberam que seus irmãos na Guiana hospedavam pessoas estranhas que diziam que o mundo acabaria numa fogueira enorme e que poderiam mostrar o caminho para a salvação e uma vida melhor. Curiosos e com medo do fogo, muitos Waiwai do Mupunera foram para a Guiana, para saber mais sobre estas pessoas.

Marechadas com as pregações dos irmãos Hawkins, os Waiwai se acostumaram com a presença dos missionários, mas continuaram com as suas tradições de xamanismo e pagã. Com o passar dos anos, porém, as esforços dos missionários começaram a surtir efeito. Os Waiwai se precisaram de um "ato mágico" para se converterem, o que aconteceu em 1955, através de uma epidemia.

O chefe dos Waiwai, o jovem Euka, possuía o espírito do porco - por isso não podia cozer nem comer porco-do-mato, além de outros animais de grades. Um dia, sabendo do fato, os missionários insistiram com Euka que o porco era um animal como qualquer outro, e que não fazia mal nenhum se ele comesse. Euka garantiu que a carne era malhada para ele, mas os missionários afirmaram que Jesus, seu salvador, o protegia contra o esp.

do peito, permitindo que ele comeria a carne do animal sem passar mal ou morrer. Ewka, disposto ao sacrifício para provar a superioridade do espírito, aceitou experimentar a carne, com a condição de que, se ele passasse mal ou morresse, os missionários deixariam a aldeia para sempre. Se não acontecesse nada, estaria provado que Jesus realmente era mais forte que os espíritos dos Wairwai, e eles o aceitariam.

Após passar o resto do dia sem sentir nada, Ewka foi forçado a admitir que Jesus era o mais forte, e, num gesto simbólico que mudaria profundamente a vida dos Wairwai, jogou todos os seus instrumentos de pajelança no rio e aceitou Cristo como seu Salvador. Em pouco tempo, graças ao poder e prestígio de Ewka como líder natural dos Wairwai, todo o grupo se converteu.

Dai para a frente, os ensinamentos da Bíblia e dos missionários tomaram o lugar dos costumes, tradições, lendas e crenças que tinham passado de geração a geração. Os Wairwai, que se tinham convertido sempre temendo os maus espíritos e da pajelança vingativa, passaram a temer o pecado e a queda de suas almas por uma cultura completamente diferente da sua. A transformação foi tão radical que os próprios Wairwai começaram a evangelizar as tribos da região, trazendo para Kanashen, sua aldeia principal e base da missão, famílias inteiras de índios Katuena, Sherco e Hixicarana (Hixcarana), todos do mesmo tronco linguístico dos Wairwai (Karib) e os Manayana, de língua Aruak. Todas estas tribos habitavam ao sul do Serra do Acaraí, em Roraima e no Pará.

Como a missão tinha criado um alfabeto da língua Wairwai, ensinou-se a todos a falar e depois a escrever em Wairwai. Assim, à medida que iam sendo convertidos também perdiam sua identidade tribal, incorporando-se à tribo Wairwai. Em poucos anos a população dos Wairwai aumentou de 170 para mais de seiscentos índios.

Em 1969, ao saber do fracasso da expedição do Peche Galley a missão mandou três índios Wairwai, chefiados por Kirghocá, para contactar os Waimiri-Atiari, centenas de quilômetros ao sul, no Estado do Amazonas. O grupo pretendia não pagar, como os católicos e a FUNAI, mas evangelizar os Waimiri-Atiari. Kirghocá conseguiu estabelecer uma promessa de amizade com os Atiari. Assim, quando em 1971 o ministério foi esculpido da Guiana pelo novo governo socialista, Kirghocá e Yakuto, irmão de Ewka e também pastor dos Wairwai, lideraram a mudança de quinze famílias Wairwai para as cabeceiras do rio Ananá, no Território de Roraima, para estabelecer uma nova aldeia, mais perto dos Atiari. Os outros Wairwai retornaram ao local original da tribo, no rio Maquera, no Pará, e algumas famílias que não tinham sido convertidas ficaram em Kanashen.

Em 1976 morrem em Kanashen um índio de 65 anos, chamado Kumuyá: era o último Wairwai verdadeiro, sobrevivente das lutas com os Parigotó e Tarumó no começo do século, e faleceu com problemas sanguíneos.

A missão seguiu com os Wairwai para o Brasil, adotando o nome de Missão Evangélica da Amazônia, MEVA, estabelecendo bases em Mapuera e na aldeia Samba, no rio Novo, afluente de Amaná.

Em 1976 os Wairwai de Samba decidiram descer o rio, para um lugar mais perto do rio Amaná, e estabeleceram a aldeia de Caximi. E era na aldeia de Caximi que o antropólogo da Funai nos contava a triste história da morte cultural de sete nações indígenas. Depois, tivemos confirmações e esclarecimentos de todos estes fatos com os líderes da aldeia, Kirphacá e Yakutó, e dos próprios missionários, que orgulhosamente nos contaram o episódio do famoso aposto que convertem os Wairwai.

Hoje, a aldeia de Caximi tem 150 Wairwai, entre homens, mulheres e crianças. A maioria é Parigotó, mas existem várias famílias Manayana e Katucena, duas famílias Shero e uma família Heshcarana. Embora os mais velhos também das tribos do passado, todos evitam falar nisso, e os jovens só sabem que antes da missão havia entes espirituais, mas não sabem quais nem porque. Porém, ainda se pode observar alguns traços dos velhos costumes. Várias vezes assistimos a velhos aplicando o "sepro" nas crianças doentes, para espantar o espírito da enfermidade. Outras vezes, acampando na mata com os índios reparámos que sempre pegavam uma folha de palmeira e a plantavam fora do acampamento, na direção do sol nascente. O antropólogo explicou-nos que isto os protegia contra os espíritos que habitavam a floresta de noite.

Hoje em dia é difícil identificar que um Wairwai seja Parigotó, Katucena ou de outra tribo. Até os Manayana de língua e costumes antes bem diferentes dos demais, agora são Wairwai por completo. Todos usam os mesmos adornos. Para os homens, colares grossos e curtos de miçangas vermelhas ou alaranjadas e brancas de madeiras, ornados com um pedaço de coucho ou espelho e às vezes com penas de tucano. Dependendo do dia, alguns pintam o rosto com tinta de urucu ou jenipapo aplicada com uma palha fina, e podem usar uma série de enfeites de miçangas, como brachadeiras colocadas debaixo do Joelho e no braço, pulseiras, cintos e colares.

As mulheres, sempre elegante, vestem-se de mulher
- azul. Os seus cabelos são bem mais compridos do que os dos
homens. Mas dos mesmos cores. Algumas usam brincos
iguais aos dos homens, e muitas têm luçadeiras nas pernas
e braços, além de pintarem o rosto. As crianças podem
andar sem enfeites, mas muitas imitam os pais.

Os cabelos merecem um cuidado especial, tanto dos
homens como das mulheres. Os homens dão um corte
na frente, formando uma franja, deixando-o comprido
atrás. Pois dos Waimai ainda amarram o cabelo
colocando-o em uma taboca de bambu, mantendo um
costume antes seguido por todos os homens. As mulheres
também usam franja e o cabelo comprido atrás, solto
ou em coque, costume antigo que a maioria ainda
segue. As crianças usam o mesmo corte dos pais, mas
podemos notar que a maioria dos rapazes adolescente
já preferem pentear o cabelo como os castelheiros e caboclos
da área, repartido no lado. Isto, junto com a ausência
de colares, brincos e adornos, além do fato de sempre
andarem de calça e camisa, indica o alto grau de
aculturação que os Waimai sofriam já na próxima
geração adulta.

Os Waimai têm um curioso costume de espalhar
penas brancas de favião-real pelo cabelo e o rosto, sempre
que estão felizes ou recebendo visitas socialmente. Na
permanência de cinco semanas, raramente notamos
a ausência das penas, e isto se acentua quando as
pessoas iam trabalhar no roça ou locais.

Os Waimai mantêm uma opicullina rudimentar.
Além um roçado com machado e foice, tocam fogo na derri-
bada várias vezes para depois aproveitar o terra para o plantio
da mandioca, base da sua subsistência. Da mandioca eles
tiram farinha, beiju e gema, um líquido de consistência
grossa, feito do suco venenoso do raiz e depois fermentado
durante 24 horas para extração do veneno. Eles preferem
a gema e água, que se tornam se estiverem com
muita sede e não tiverem gema a mão. Há alguns
anos, os Waimai faziam várias bebidas fermentadas,
entre as quais o caxiri, da mandioca, e um vinho
lindo do cara. Durante as festas eles bebiam até
provocarem vômitos, para ~~ter~~ poder beber mais. A
misão não aprovava este costume e conseguiu proibí-
lo.

na, até hoje as imensas aldeias do baixo este parte das malocas, na esperança de algum dia poderem produzir de novo suas bebidas.

Os Waurai são excelentes artesãos, e passam o tempo fazendo os mais variados objetos. Os homens fabricam cestos de palha, pentes de espirita-de-palmeira, arcos e flechas e redes de fibra ou algodão. As mulheres são especialistas em panelas de barro, pintando-as com desenhos geométricos em preto e dando um acabamento brilhante com resina. Também fazem as raspadeiras de mandioca, utensílios usados para preparar farinha, beiju e goma, e que são uma obra de arte. A raspadeira é uma tábuca de madeira longa, onde a mulher martela pedacinhos triangulares de pedra em linhas retas, até encher a parte central da tábuca, um trabalho que exige muita paciência e que demora semanas. Depois ela pinta a tábuca com uma mistura de urucum e goma e faz os acabamentos com desenhos geométricos nos lados.

As crianças também são bastante criativas, e era comum vermos meninos de cinco a oito anos de idade brincando com arcações feitos de bambu e palha, com belicas que giram ao vento. Muitos garotos fazem arcos e flechas em miniaturas, e treinam peritagem nos pequenos igarapés, caçando peixinhos e carapuzes. As meninas passam o tempo ajudando as mães, cuidando dos irmãzinhos menores. As vezes nos vimos uma menina de quatro ou cinco anos carregando uma criança de um ano nas costas ou no flanco, imitando as mães.

O Cocador deixa ~~para a pouco~~ pouco a pouco o arco e a flecha e passa a utilizar a espingarda e o anzol. Agora, ele depende de um pequeno comércio, onde o dinheiro substituiu a troca. O indígena tornou-se um consumidor. A introdução de toda nova tecnologia, rompe-se o equilíbrio entre o indígena e o meio, há o desaparecimento do gesto ancestral, apagando cada vez mais a identidade cultural.

O missionário este "emissário divino", trouxe também a mensagem dos costumes da comunidade, impondo pouco a pouco o modelo ocidental: Como sugar um leite, como tratá-lo, como amá-lo! É o doctor Spock no Amazonas. As mães, que antes amamentavam seus filhos, apresentam a mamadeira, o que é, no mínimo, um risco para a saúde dos bebês, já que não se pratica a esterilização.

Perto do fim do novo estado, os Wainwai fizeram
 uma festa. Shodemite, Kamo e outras festas do passado, que
 duraram dias ou até meses, cederam lugar a apenas duas
 festas anuais, celebradas "curiosamente" a 25 de dezembro e na
 Páscoa, dias do nascimento e da ressurreição de Cristo. Este an
 os Wainwai não tiveram a festa da Páscoa, porque estavam
 ocupados desmatando a terra para uma pista de pousar par
 os aviões da missão. Mas, aproveitando este fato e o nova
 presença, decidiram fazer a festa mesmo fora do época.

No primeiro dia da festa, alguns homens se juntaram
 às duas horas da madrugada, e partiram pelas várzea
 de coca que saem do aldeia, à procura de macacos, porco
 do-mato, araras, mutuns e outros animais. Outros saíram
 para pegar fruta-de-palma, para fazer um caldo amargo
 que acompanha as comidas do festa. E as mulheres come
 çaram bem cedo a preparar caldeiras de fuma para ser
 consumida no dia seguinte.

De tarde, os homens voltaram do coca-na maioria,
 bem sucedida —, trazendo uma variedade enorme de
 macacos e aves. A reunião foi na ~~maloca~~ frente da
 maloca do Tuxana Emeta, chef. do trabalho. No
 caminho batiam as flechas contra os arcos, dando gritos
 até chegar no frente da maloca, onde depositaram os
 frutos da coca em cima de folhas de bananeira. As
 mulheres, nos seus melhores trajes, esperavam com
 hespa e fuma. Yakuta, o líder espiritual, fez uma oração
 agradeando o boa caçada, e depois todos comeram bem
 com fuma. No final a coca foi dividida igualmente
 entre as famílias, e todos voltaram para casa para preparar
 as comidas do dia seguinte.

De manhã cedo, Yakuta veio buscar-nos, pois o festa já
 ia começar. Chegando na maloca de Emeta, os homens
 estavam sentados todos juntos num grupo, com panela
 et caldeiras cheias de comida e fuma. As mulheres sentadas,
 afastadas dos homens, num semi-círculo, de costas para eles.
 Todas estavam "bem vestidas", com muitas adornos e peras.
 do família-real no colosso. Paarmidiva, então pastor, liderou
 as orações de ação de graças, e depois todos começaram
 a comer.

O langueto durou duas horas, e ao final os homens
 voltaram para suas malocas, prepararam seus arcos e flecha
 e agruparam-se na floresta, saindo depois em fila indian

guitamb e batendo suas armas. Devia para sentir como deveria ter sido sendo este ritual no passado, mas o tempo que vestiam nos lembrava que estes dias não voltariam mais para os Waimai.

Os homens foram para o posto do pisco, onde tinham armado uma Cruz de madeira no qual penduraram pedaços de bandim. Numa brincadeira competitiva, todos tiveram sua oportunidade de acertar nos bandim com arco e flecha, e, ansiosamente, os poucos homens que não tinham caçado no dia anterior não participaram do tiro ao alvo.

Depois, as mulheres improvisaram uma peça teatral na qual digitam praias de um tribo onde não existiam homens, e que tinham vindo para procurar maridos. Os homens riram muito e desfilaram para elas, para ajudá-las a escolher a melhor. Havia muitas brincadeiras com alguns índios imitando animais e caçadores, um correndo atrás do outro pelo aldeia, fugindo o platéia Waimai divertir-se bastante. Entre uma brincadeira e outra, havia pausas de descanso, quando tomavam banho no rio.

De tarde, os homens decidiram retribuir a visita da "tribo de mulheres sem homens", e nós presenciamos outra peça improvisada. Desta vez, eram os ferozes guerreiros Carapanyana à procura de esposas. Foi muito engraçado, mas via-se que todos estavam um pouco cansados, e que a festa ia terminar. De fato, depois da peça dos homens surgiu um grupo de tocadores de flauta, que dançaram durante uns quinze minutos. Quando terminou a dança, a mulher de Yakuta ofereceu jama aos tocadores, e a festa acabou.

Terminavam também a nossa estada com os Waimai, já que três dias depois pegaríamos a canoa para descer o Anand. Foram cinco semanas muito boas, com experiências profundas que nos marcaram muito. Cozamos com os Waimai; assistimos à construção de malocas e canoas; tornamo-nos "irmãos" de uns, "filhos" de outros, e acabamos com a certeza de que muitas vezes no futuro sentiríamos saudades de nossa vida com os Waimai.